

“ESTE VAI SER O GRANDE DESAFIO DA CARREIRA PARA A MAIORIA DOS MÉDICOS DENTISTAS”



Numa altura em que enfrentamos uma pandemia global, *O JornalDentistry* procurou saber a opinião de 11 médicos dentistas e entender o impacto, estratégias e preocupações que a COVID-19 tem trazido à área da medicina dentária, bem como ao futuro desta profissão

- O que são consideradas urgências dentárias nesta fase?
- Qual tem sido a sua experiência nos últimos dias?
- Como tem conseguido resolver a maioria dos casos? À distância, por telefone, ou presencialmente? Dê alguns exemplos e deixe algumas dicas...
- Já conseguiu adquirir máscaras FFP2 e outros equipamentos de proteção? Se sim, como?
- Tem participado nas campanhas de doação de material para quem está na “linha da frente”?
- A nível empresarial, as medidas de apoio do governo parecem-lhe suficientes?
- Na sua opinião, qual o impacto do COVID-19 na medicina dentária e qual a previsão de regresso à normalidade?



Raquel Zita

Em isolamento profilático desde 15 de março, **Raquel Zita**, continua disponível para os seus pacientes.

“A grande maioria dos casos tenho resolvido por telefone. Só me desloco presencialmente à clínica uma vez ou outra para atender uma situação comprovadamente urgente”, explica.

A Ordem dos Médicos Dentistas (OMD) definiu guidelines para orientar os médicos dentistas a selecionar os casos urgentes e inadiáveis. Nesta lista incluem-se: dor aguda de origem dentária,

implantar ou gengival que não cede a medicação, hemorragia oral, luxação da ATM, traumatismo com situação aguda, entre outros casos.

Na clínica de Raquel Zita começam por fazer uma triagem via telefone. Caso seja necessário, o paciente dirige-se à clínica sozinho e desinfeta as mãos antes de entrar na consulta. Antes do procedimento de urgência, faz um colutório com solução desinfetante e no final é feita a higienização do consultório, tal como se faz numa cirurgia programada.

“Usamos os materiais de equipamento individual recomendado pela Direção Geral de Saúde (DGS) para atender urgências (batas, máscara FFP2 com máscara cirúrgica por cima, touca descartável, óculos e viseira). Consegui adquirir as máscaras FFP2 na farmácia, mas a preços elevados e em pouca quantidade. As viseiras foram-nos oferecidas por uma empresa que está a doar a profissionais de saúde. O resto do equipamento já tínhamos em stock”.

Apesar das dificuldades em arranjar material, a médica dentista tem contribuído com oferta de materiais de proteção (máscaras e luvas) e já se inscreveu para auxiliar o Sistema Nacional de Saúde (SNS).

Quando questionada sobre as medidas de apoio do governo a nível empresarial, Raquel Zita acredita que estas medidas ajudam, mas não são suficientes.

“A minha empresa entrou em layoff no passado dia 1 de abril. No entanto, o layoff apenas cobre os funcionários e não os sócios gerentes. Portanto, acho que o estado devia proporcionar aos sócios gerentes algum apoio, dado que eles pagam impostos e criam grande parte dos postos de trabalho das micro e pequenas empresas. O governo tem de arranjar formas de dar liquidez às empresas e não vai ser o adiamento dos pagamentos ou os créditos que vão resolver a situação”, afirma.

Para Raquel Zita, esta pandemia não só vai afetar a componente clínica, mas também a componente de formação presencial e acredita que os pacientes vão ter relutância em ir às consultas e que os congressos/convenções presenciais só regressarão à normalidade daqui a um ano.

“Este vai ser o grande desafio da carreira para a maioria dos médicos dentistas”.



Júlio Fonseca

Júlio Fonseca acredita que esta pandemia teve um impacto enorme ao nível da medicina dentária, pela particular exposição destes profissionais ao risco de contágio.

Os médicos dentistas não podem propagar uma doença contagiosa, nomeadamente por falha de uma adequada triagem dos pacientes ou falhas nas cadeias de proteção individual, desinfeção e esterilização, por forma a prevenir infeções diretas e

cruzadas. Assim, por despacho governamental o Estado decretou a suspensão de toda e qualquer atividade de medicina dentária, de estomatologia e de odontologia, com exceção de situações comprovadamente urgentes e inadiáveis, como é o caso de um abscesso periapical agudo, uma fratura de coroa, ponte comprometa a função mastigatória com dor e/ou infeção.

“A segurança de todos, médicos dentistas, assistentes e pacientes terá de ser sempre uma prioridade”

Na Orisclinic são seguidas as normativas emitidas pela DGS e OMD. Efetuam uma dupla triagem telefónica (primeiramente pela assistente e secundariamente pelo médico dentista) e se for comprovada a presença de uma situação urgente e inadiável são seguidos depois todos os protocolos conhecidos e divulgados, com uma terceira triagem sintomatológica do paciente à chegada à Orisclinic.

“Estamos também a usar várias ferramentas digitais. Na Orisclinic temos soluções informáticas que nos permitem acesso remoto (e seguro) às agendas e processo clínico dos pacientes”, refere.

Apesar das dificuldades e dos custos, a Orisclinic está a conseguir obter a maioria dos equipamentos de proteção, pois surgiram vários fornecedores divulgados nas redes sociais, com stocks e material adequado.

Relativamente à doação de material, e ainda dentro das condicionantes de stock, Júlio Fonseca cedeu máscaras, luvas e viseiras a pedidos efetuados por médicos, nossos pacientes.

Para Júlio Fonseca as medidas governamentais apareceram de forma avulsa, desorganizada, algumas com correções semanais. “Na Orisclinic houve uma preocupação inicial de manter a coesão de toda a equipa em termos de afastamento, assim como assegurar e manter de forma vincada todos os postos de trabalho dos nossos colaboradores. Temos uma equipa de gestão e contabilidade que trabalhou (e trabalha) afincadamente no estudo da legislação que foi publicada”.

O médico dentista é da opinião que os governos não distribuem os apoios da melhor forma e que o problema está na avassaladora redução de

receitas, e de um expectável aumento do custo por consulta aquando do início da atividade, pelo aumento do número e custo dos equipamentos de proteção individual.

“Estamos gratos por ter uma equipa coesa, com protocolos escritos, em que cada um conhece o lugar que ocupa na equipa e a importância que tem a sua performance para o resultado final”.

A equipa da Orisclinic preparou para esta fase um plano de formação interna de toda a equipa. Os médicos dentistas estão a completar formação, a trabalhar em projetos futuros da OrisEducar (o Centro de Formação) e a preparar o regresso ao trabalho e à clínica. “Teremos com certeza que adaptar protocolos e formas de trabalho, talvez até equipamentos (de proteção individual e físicos/instalações), mas também teremos de aguardar as guidelines que serão divulgadas antes de decisões precipitadas em tempos de incerteza. A segurança de todos, médicos dentistas, assistentes e pacientes terá de ser sempre uma prioridade”.



Manuel Neves

Manuel Neves está de acordo com as diretivas enviadas pela OMD, sobre aquilo que são consideradas urgências nesta fase da pandemia e tem implementado estes conselhos na sua clínica.

Quanto à forma como procede o serviço de urgência, em primeiro lugar, é feita uma triagem por telefone por uma assistente dentária, que achando necessário reencaminha para um médico dentista, que faz uma segunda triagem, para aferir a necessidade ou não do paciente ser assistido na clínica.

Desde o fecho das clínicas a 16 de março, muitas das questões de urgência são resolvidas via telefone, com prescrição de medicação, mas cerca de 30% têm tido atendimento na clínica, uma média de 3 consultas diárias. De notar, que numa percentagem

“Uma experiência interessante, tem sido a nossa ortodontista dar continuidade a muitos tratamentos por videochamada. Como trabalha muito com alinhadores, ausculta os pacientes, dá-lhes indicações quanto ao seguimento dos tratamentos e quando necessário envia novos alinhadores por correio”

tagem da ordem de 40%, estas consultas de urgência têm sido de pacientes que não eram pacientes da clínica, visto que há muitas clínicas que não estão a conseguir atender os seus pacientes nesta altura.

Tem havido uma preocupação constante com as campanhas de material e Manuel Neves admite que já aderiu e tem dado apoio a familiares que também estão envolvidos no combate à COVID-19.

“Embora a preços muito elevados, mesmo a meio de março, conseguimos comprar 200 máscaras FFP2 numa farmácia, a 10 euros cada uma”, explica Manuel Neves, quando questionado sobre a escassez de material. “Nos últimos dias do fim de março, vimos ações louváveis de colegas que fazendo divulgação nas redes sociais, criaram movimentos de compra de máscaras e outros equipamentos de proteção, a preços, ainda inflacionados pelas circunstâncias, mas já muito mais baixos”.

Manuel Neves é da opinião que o governo tem sido exemplar com as medidas de apoio já prestadas às clínicas, com o despacho de layoff simplificado, bem como com as medidas de apoio à liquidez financeira, com empréstimos a juro baixo. O médico dentista considera ainda que o apoio às clínicas em que só existe um médico dentista, que é o sócio gerente, onde não existe ainda nenhum apoio, terá de ser pensado urgentemente, bem como milhares de colegas seus que são trabalhadores independentes. “A OMD tem que levantar a sua voz em defesa, primeiro, para médicos dentistas em trabalho por conta de outrem e das pequenas clínicas espalhadas pelo país”

Em relação ao impacto da COVID-19 na medicina dentária, Manuel Neves acredita que vai ser forte, que vai haver repercussões socioeconómicas, com despedimentos e a falência de muitas clínicas,

porque se encontram neste momento fechadas e porque, quando voltarem a abrir, demorará ainda algum tempo a voltarem a ter o movimento de consultas que tinham antes.

O impacto será muito semelhante nas pequenas e grandes clínicas, bem como nos grupos económicos que gerem várias clínicas, porque as despesas e custos são proporcionais ao tamanho do negócio e todos os profissionais no setor da medicina dentária serão igualmente afetados pela negativa. Isto inclui laboratórios de prótese e empresas distribuidoras de material dentário e fabricantes.

Por outro lado, Manuel Neves é da opinião que este é o momento de repensar atividades, apostar na formação, ler e estudar mais, escrever mais artigos científicos e assim tornar-se num melhor profissional, tecnicamente melhor e mais humano.

Acredita ainda que os pacientes se tornarão mais exigentes na procura de condições de higiene e assepsia e que os profissionais vão passar a proteger-se de forma mais rigorosa. **“Sou um otimista, espero voltar a trabalhar por volta do dia 18 de Maio”.**



“Esta é uma questão bem respondida nas recomendações definidas pela OMD”, explica **David Alfaite**, quando questionado sobre urgências dentárias nesta fase. “Terá de ser dada atenção a sinais e sintomas inflamatórios com ou sem infeção, que necessitam da nossa intervenção para reestabelecer a homeostasia ou que necessitem de uma biopsia no caso de suspeita de lesões potencialmente malignas”.

Na sua opinião, urgências dentárias são situações clínicas que, apesar da dor poder estar ou não presente, na ausência de intervenção, tendem a agravar o seu estado. Também estão incluídos os

cuidados pós-cirúrgicos que exijam um controlo do médico dentista, assim como tratamentos que recidem e se agravem significativamente no caso de ausência de controlo.

David Alfaite, tem sentimentos ambíguos sobre este tema. Por um lado, acredita que esta é uma situação tão imprevisível quanto ao seu início, desenvolvimento e futuro e que a verdadeira crise poderá ocorrer quando as funções nas clínicas forem retomadas.

Por outro lado, explica que esta experiência tem sido muito positiva na medida em que tem existido uma partilha de conhecimentos e atos de solidariedade entre colegas.

“Tenho participado como formando e como formador em inúmeros eventos. Tenho orgulho na classe que vejo atualmente e, de facto, é nos momentos mais difíceis que vemos o que conseguimos fazer uns pelos outros”, afirma.

Ainda em relação ao serviço de urgência, David Alfaite e a sua equipa têm agido à semelhança dos

“As medidas de apoio do governo não são, nem serão suficientes”

seus colegas. Em primeiro lugar, fazem uma triagem por telefone, tentando averiguar o nível de urgência e se é ou não inadiável. Refere que se tem deparado sobretudo com duas situações: pacientes que recusam a consulta pelos receios compreensíveis e pacientes que simulam cenários falsos de urgência para conseguirem resolver as suas necessidades.

No caso de necessidade e de se enquadrar com as situações comprovadamente urgentes e inadiáveis, terá de ser realizada a consulta com os equipamentos de proteção individual (EPI) exigidos, onde previamente ao tratamento deverá ser confirmado mais uma vez o estado de urgência.

Na clínica de David Alfaite, foram já realizadas quatro consultas consideradas urgentes e inadiáveis, nas quais se incluem remoção de sutura de cirurgias realizadas previamente à suspensão da atividade, fratura de coroas provisórias sobre implantes com parte da coroa ulcerando o tecido gengival perimplantar, com sinais e sintomas inflamatórios como dor e sangramento.

Em relação às máscaras FFP2 e ao equipamento de proteção, David Alfaiate conseguiu adquirir tudo previamente à crise atual e explica que a OMD está também a pressionar junto das autoridades de saúde, de forma a que os médicos dentistas sejam fornecidos com esses mesmos equipamentos para permitir o cumprimento das medidas exigidas.

“Apesar de me ter voluntariado pelas vias legais através de inquéritos para esse efeito, ainda não obtive resposta. De qualquer forma, temos capacidades muito limitadas no que diz respeito à doação de material, pois também nós temos de proteger os nossos pacientes e a nós próprios. Participarei no que for necessário e no que puder assim que for contactado”, explica, sobre as campanhas de doação.

Para David Alfaiate, as medidas de apoio do governo não são, nem serão suficientes, mas acredita que outras medidas virão, para minimizar os danos provocados como consequência desta pandemia e explica que está a par do que o Bastonário e a OMD estão a fazer pela classe.

“Acredito que a normalidade que conhecemos vai estar ausente por muito tempo, meses ou mesmo anos, se é que vai chegar”.

O impacto para a medicina dentária vai ser forte durante o período de suspensão da atividade, mas será com certeza pior após o período de suspensão, principalmente para aqueles que aguentem as suas equipas e as suas estruturas, com todas as despesas fixas habituais, mas sem o número de pacientes, para as quais essas estruturas foram sendo construídas. Será também difícil para os profissionais que fecham definitivamente as suas clínicas e terão de procurar novas oportunidades num mundo todo ele em recuperação lenta. Se atualmente existem demasiados médicos dentistas para os pacientes que frequentam as nossas clínicas, no futuro seremos muito mais.

Alexandra Marques defende que, durante esta fase, as urgências são todas aquelas situações que ocorram e que sejam inadiáveis e que se deve seguir a lista de procedimentos fornecida pela OMD. Na MD CLÍNICA é feita uma triagem: primeiro realizada pelo scall center, sendo depois encaminhada para a urgência presencial ou para a urgência telefónica/ online. Existem assim três escalas: uma de urgência presencial, uma de urgência telefónica/ online e uma exclusiva para odontopediatria.



Alexandra Marques

“Na minha clínica tem havido cerca de 10 a 15 urgências por dia, sendo 20 % urgências de pacientes de outras clínicas que se encontram mesmo encerradas”.

“ *As situações urgentes e inadiáveis são as que foram definidas pela OMD* ”

Quando questionada sobre campanhas de doação, Alexandra Marques afirma que está a prestar apoio a um centro de saúde, visto que, apesar das máscaras FFP2 estarem esgotadas, têm todo o resto de material de proteção: máscaras cirúrgicas, viseiras, fatos, cobre sapatos etc.

“Ainda não existem medidas mesmo concretas, está tudo muito no ar, mas acima de tudo eu e a minha sócia mantemos a serenidade de sempre, e temos confiança no futuro. Estes tempos também nos vão servir para revermos muitas situações e melhorarmos ainda mais em alguns pontos. Sempre de forma positiva”, refere, sobre as medidas tomadas pelo Governo.

Alexandra Marques acredita que regressar à normalidade ainda vai demorar uns três a seis meses. **“Se tudo correr segundo as previsões epidemiológicas, iniciaremos a nossa atividade a meio de maio e depois são mais uns meses até tudo se regularizar”**, conclui.

Na visão de **Célia Coutinho Alves**, as situações urgentes e inadiáveis em medicina dentária são as que foram definidas pela OMD e apenas se devem abrir exceções situações como: implante não osteointegrado, luxação da articulação tempo-



Célia Coutinho Alves

ra-mandibular com necessidade de redução, perda de coroa provisória ou definitiva com dor associada, pulpite reversível e irreversível, entre outras.

Os casos de contactos urgentes na clínica de Célia Coutinho Alves têm sido esclarecidos ou resolvidos por telefone. As verdadeiras urgências após triagem telefónica são resolvidas presencialmente com todas as medidas de proteção individual e desinfeção de superfícies e ar indicadas pela DGS e OMD e que são possíveis de operacionalizar.

Quanto às máscaras FFP2, Célia Alves não teve tanta sorte e as poucas que ainda tem resultaram de contactos com a indústria que as tinha em quantidade que podia disponibilizar. Posto isto, não lhe foi possível participar em campanhas de doação de material.

“As medidas do governo ainda vão ser revistas, revistas e revistas. E estão dependentes da resposta central a nível europeu. Estão muito aquém do que se necessita e passará pela injeção direta de capital. Da Comissão Europeia nos governos e dos governos nas empresas”. Célia Coutinho Alves compara o impacto desta situação ao impacto que um tsunami biológico pode ter. “Não existirá o regresso à normalidade. Nunca mais trabalharemos da mesma forma. Teremos de adaptar protocolos de trabalho, de proteção individual, de redução de aerossóis e de desinfeção de ar. Teremos de testar pacientes à entrada da consulta e distinguir: imunes (assim esta doença garante imunidade), COVID-19 + (pacientes que não trataremos e encaminharemos para SNS até cura), COVID-19 – que trataremos como potenciais transmissores/infetados sem sintomas da doença com os protocolos mais apertados que ficarão destas medidas implementadas no tratamento das urgências em fase de pandemia. Não existirá

o regresso à normalidade. **A profissão terá de ser reinventada**”.

Para **Dárcio Fonseca**, nesta altura de alto risco de contágio e de acordo com as indicações da OMD e



Dárcio Fonseca

DGS, considera-se urgência tudo o que comprometa a função estomatognática, seja por infeção, dor ou incapacidade de mastigar.

Tem sido por telefone que Dárcio Fonseca tem atendido a grande maioria dos pacientes, apesar de continuar a assegurar as urgências presenciais. “Temos passado bem a mensagem de que não abandonamos ninguém e estamos disponíveis para prestar o nosso serviço dentro das condições de segurança recomendadas, nas indicações autorizadas”.

Dárcio Fonseca conseguiu adquirir tudo em quantidade suficiente para esta primeira fase, incluindo máscaras FFP2, mas acredita que não será suficiente para o tempo que esta pandemia irá perdurar e por isso conta com a ajuda da OMD que espera que se organize, tal como prometeu, a prestar auxílio nessa matéria.

“O que tenho presenciado nas redes sociais são grupos de médicos dentistas a organizarem-se para importar diretamente da China material de proteção individual, o que considera um grande risco, sendo que alguns distribuidores de material dentário também estão a fazer o mesmo. Por enquanto, tenho muito material de proteção na clínica e recebi uma generosa oferta de um colega alemão, pelo que, para já, estamos seguros”. Devido a toda esta situação, não tem participado tão ativamente nas campanhas de doação, embora tenha doado já algum material.

“Claramente insuficientes e descabidas”, é esta a opinião que Dárcio Fonseca tem sobre as medidas de apoio do governo. “No fundo a massa empresarial esta confinada a endividar-se para não falir e estes apoios ao layoff são uma forma de se precaverem de terem de pagar subsídios de desemprego por muito mais tempo, caso o desemprego disparasse. Continuamos a depender exclusivamente da boa vontade da União Europeia, para nos salvarmos da crise económica que se instalou. Há muitas medidas a sair e todos os dias se retifica a do dia anterior. **Ninguém se preparou realmente para o que está a acontecer**”, conclui.

Dárcio Fonseca acredita que o panorama da medicina dentária nunca mais será o mesmo, visto que são o grupo mais exposto à contaminação. Os meios de proteção necessários para trabalhar vão naturalmente mudar, os cuidados de desinfeção de espaços comuns e o tempo entre consultas vai aumentar, o valor de consultas terá de ser necessariamente maior. Acresce que os pacientes vão demorar a voltar e a confiar numa ida ao dentista, assim como os seguros de saúde não vão dar importância a estes novos requisitos e vão perder prestadores. A democratização dos tratamentos dentários vai estar comprometida, vai ser aberta uma nova caixa de Pandora de burocracia e custos com mais taxas. Vão encerrar muitas clínicas, aumentando o desemprego de todos os envolvidos e também os fornecedores de material dentário e laboratórios de prótese dentária vão passar por tempos difíceis.



Hugo Madeira

“Neste momento, as urgências na nossa área incluem principalmente processos que envolvam dor ou que comprometam a funcionalidade do sistema estomatognático”, explica

Hugo Madeira. Nisto incluem-se, entre outras, a fratura de restaurações, coroas, próteses e aparelhos ortodônticos removíveis, traumatismo dentário com dor associada, processos inflamatórios ou infecciosos que envolvam dentes ou implantes.

No entanto, de forma a ser possível agendar a consulta, é realizada uma triagem prévia para que se analise o caso relativamente à origem da necessidade de urgência.

“Para nós, a prioridade será sempre proteger os nossos pacientes, a nossa equipa, e os seus familiares. Para que isso seja possível, estamos a adotar todas as medidas e recomendações propostas pela Ordem dos Médicos Dentistas e pela Direção Geral de Saúde”.

“Considero necessário e tenho tentado alertar para que todos participem em campanhas de doação de material”

Além da triagem prévia que é realizada sempre antes de efetuar a consulta presencial, em alguns casos específicos e de forma a minimizar a exposição, ainda se recorre à telemedicina. Em caso de dúvidas, a clínica encontra-se totalmente disponível.

“Neste momento, as máscaras FFP2 encontram-se esgotadas pelo que, apesar de o Governo ter assegurado o seu fornecimento, continuamos a aguardar pela disponibilidade das mesmas”. De maneira a possibilitar a realização de consultas em casos considerados urgentes, a clínica possui em stock o material de proteção necessário e adequado.

Apesar de toda esta situação, foi feita uma doação de material de proteção a serviços de saúde prioritários. “Considero necessário e tenho tentado alertar para que todos participem em campanhas de doação de material”, afirma.

Quanto às medidas de apoio do governo, Hugo Madeira lamenta a morosidade na sua definição e a falta de clareza nas mesmas e acredita que o layoff simplificado é uma medida que vem nesse sentido, mas carece por exemplo de confirmação final em que data as empresas serão ressarcidas da parte que será suportada pela Segurança Social.

“Preocupa-me sobretudo a falta de estratégia e de união que a os países europeus estão a revelar. As fortes medidas restritivas à mobilidade e o distanciamento social deviam ter sido tomadas mais cedo e em simultâneo. As consequências sociais e económicas vão agora ser elevadíssimas e se os estados membros não acordaram o que agora são designadas como “Coronabonds”, ou seja, a mutualização da dívida, temo que o juro a que as empresas se vão conseguir financiar em países como Portugal poder-se-á tornar inviável, bem acima dos atuais 2.5% a 3%.”

Para Hugo Madeira, importa ainda saber se este momento único será também utilizado para repensar a competitividade e fatores de atração da nossa economia, com um Estado mais célere, eficaz e menos pesado, criando condições para que os investidores nacionais e internacionais recuperem a sua confiança.



Rui Monterroso

As urgências dentárias foram descritas e identificadas pela OMD. De uma forma simples, o profissional deve orientar-se pelas recomendações da OMD, adaptando e aplicando-as à realidade da sua clínica ou ao local onde exerce a profissão.

“Apesar de toda a informação disponível, uma minoria da população não consegue entender a calamidade que está a afetar o normal funcionamento das clínicas dentárias”, garante **Rui Monterroso**.

Na sua clínica, as urgências têm sido ordenadas. No primeiro passo, realiza-se uma triagem via telefone, filtrando todos os casos, dissipando algumas dúvidas e resolvendo a maioria dos problemas, nomeadamente através do envio da prescrição. Nas redes sociais tem havido também a preocu-

pação de partilhar dicas e conselhos, destacando áreas como a ortodontia, periodontologia, prótese e implantologia.

Para Rui Monterroso, o material de proteção tem sido difícil de adquirir e os valores estão muito inflacionados. “Temos conseguido o suficiente para as urgências, garantindo a proteção de todos os que intervêm no ato clínico. Devemos neste momento valorizar as empresas que nos estão a fornecer o material de proteção sem aproveitamento comercial”.

“A medicina dentária é uma área que, pelas suas especificidades, encontra-se brutalmente afetada por esta pandemia”

“Desde o início desta pandemia, tenho doado material de proteção individual e coletiva na minha região e nos concelhos circundantes. Bombeiros, Forças de Segurança, Forças de Intervenção, Lar de Idosos e outras IPSS, entre outras entidades públicas e privadas. As entidades que operam diretamente com a população têm sido o foco do nosso apoio. Neste momento todos temos obrigação e dever de apoiar os que estão na linha da frente.”

Quando questionado sobre as medidas de apoio do Governo, Rui Monterroso é da opinião que a informação tem sido escassa e confusa e que o governo e órgãos com poder de decisão prepararam mal este estado de emergência. “Mais do que nunca, é vital que a nossa classe esteja unida. Esta deve ser a hora da mudança, deve ser o momento em que cada um respeita o título que lhe foi atribuído. Devemos mostrar a sociedade que somos uma classe caracterizada pelo respeito e pela honra”, aponta.

“São, sem dúvida alguma, os tempos mais desafiantes das últimas décadas. A medicina dentária é uma área que, pelas suas especificidades, será brutalmente afetada por esta pandemia”. **Filipe Aguiar** considera que deva haver margem para cada clínico avaliar individualmente que situações se enquadram nos critérios definidos na lista de tratamentos da OMD. No entanto, a escassez de equipamentos de proteção



Filipe Aguiar

individual adequados é também uma limitação importante quer para a segurança do paciente, quer do médico dentista.

“Hoje é muito difícil encontrar máscaras FFP2 ou FFP3 de qualidade. Acredito que dentro de umas semanas a oferta regularize”, explica. Para ele, a endodontia é por excelência a área chamada a acudir nos casos de dor odontogénica, pelo que será impossível estes profissionais não serem chamados a ver urgências.

Em relação ao material, Filipe Aguiar, conseguiu reunir um bom número de máscaras FFP2, fatos coverall, toucas e cobre-pés. É importante avaliar a adaptação facial da máscara de modo a evitar folgas como acontece nas máscaras cirúrgicas convencionais.

Sempre que for possível, é aconselhável adiar ou resolver as urgências com recurso a terapia farmacológica, sendo a receita eletrónica uma excelente ajuda. Ainda assim, tendo em conta que esta fase de mitigação poderá durar muito mais tempo, adiar uma situação clínica pode ser contra-producente, pois as condições endodónticas só se resolvem com a intervenção de um profissional.

“No dia em que fechei a clínica por iniciativa própria, criei o fórum de Facebook GRUPO DE APOIO COVID-19 - MEDICINA DENTÁRIA PORTUGAL. Em apenas 48h já contava com mais de 3000 membros. Hoje somos mais de 5000. Aí partilham-se as ações, fazem-se angariações, unem-se esforços e discutem-se soluções. É, sem dúvida, um verdadeiro HUB de ajuda para o profissional de saúde. Não vai ser fácil para as clínicas dentárias sobreviverem a esta pandemia”.

“ No dia em que fechei a clínica por iniciativa própria, criei o fórum de Facebook GRUPO DE APOIO COVID-19 - MEDICINA DENTÁRIA PORTUGAL ”

É do conhecimento geral que a medicina dentária é uma área de custos elevados e mantendo esses mesmos custos, sem ter os proveitos, tornará difícil resistir para quem tem uma maior carga mensal fixa. “Por essa razão, as medidas do governo serão sempre insuficientes para as clínicas dentárias”.

Este é um momento importante de reestruturação e planeamento. **“Temos de nos consciencializar que o mundo nunca mais será igual... e muito menos para a medicina dentária.**” Esperar que isto passe é, na minha perspetiva, uma solução insuficiente”, defende.

Para Filipe Aguilar, dificilmente voltaremos a utilizar só a máscara cirúrgica. É, por isso, tempo de adaptação, de investimento em material de proteção e de repensar estratégias de atendimento (consultas mais longas e mais espaçadas). Este será o caminho para a sobrevivência.



Gonçalo Assis

“A maioria dos médicos dentistas decidiu, por sua iniciativa e antes de existir uma obrigatoriedade nesse sentido, limitar a atividade clínica a situações clínicas inadiáveis”, de forma a participarem no esforço global de conter o contágio da doença e não apenas para proteger os profissionais. Contudo, foram definidas indicações específicas que têm como objetivos continuar a realizar tratamentos em condições clínicas inadiáveis apoiando os doentes,

e impedir que essas mesmas condições levem o doente a precisar de se deslocar aos hospitais do SNS, sobrecarregando-os numa fase tão crítica. Para **Gonçalo Assis**, este é um momento para ter um grande orgulho na classe dos médicos dentistas que “em prejuízo da sua própria situação económico-financeira, e mesmo sem apoios previstos na altura, percebeu, antes do Governo, que este enorme esforço de encerramento tinha que ser feito, antecipando as políticas de saúde pública que viriam a ser implementadas e, provavelmente, prevenindo muitos contágios e novas cadeias de transmissão”.

Nos últimos dias, Gonçalo Assis tem tido formações à distância para “preparar o nosso regresso à atividade clínica assim que seja possível, tentando perspetivar os desafios que vamos enfrentar, organizar informação clínica como fotografias e vídeos”. Para além disto, tem ainda realizado consultas de urgência e prestado apoio não presencial aos pacientes.

Relativamente à forma como tem conseguido resolver a maioria dos casos dos seus pacientes, Gonçalo Assis revela que é frequente que estes lhe enviem fotografias do pós-operatório de cirurgias que realizou, de forma a garantir que a cicatrização decorre como esperado. **“É fundamental conseguimos passar aos nossos pacientes a ideia que continuamos comprometidos com os tratamentos de medicina dentária e que não os abandonámos”.**

As máscaras FFP2 e outros equipamentos de proteção são fundamentais nesta fase e Gonçalo Assis afirma ter conseguido adquiri-los no início da crise, antes de esgotarem. No entanto, doou a maior parte dos materiais que adquiriu, ficando com uma quantidade mínima para urgências. “Neste momento existem esforços concentrados de vários médicos dentistas para adquirirem esses equipamentos através de importação, mas não é um processo fácil, atendendo à elevada procura global.” Gonçalo Assis considera muito importante que o Governo encontre recursos para disponibilizar esses e outros equipamentos de proteção ao SNS e, “assim que essas necessidades estejam satisfeitas, comece a alocar parte desses recursos aos médicos dentistas como, aliás, está prometido”.

“Encontrei uma vontade enorme da comunidade chinesa em Lisboa de ajudar. Vários tinham amostras de respiradores FFP2 e FFP3, totalizando mais de uma centena, que entreguei no Hospital de Santa Maria”. Enquadrado numa ação da Mundo a Sorrir, Gonça-

lo Assis participou na recolha de algum material de clínicas dentárias, que posteriormente foi entregue no IPO e a centros de saúde na região de Lisboa. O médico dentista revela ainda que “em breve, entregaremos também respiradores FFP2 ao Hospital de S. José, doados pela comunidade chinesa”.

No que respeita às medidas de apoio do Governo, Gonçalo Assis revela que foram esperadas com expectativa, na sequência do despacho do fecho das clínicas dentárias, uma vez que “a realidade empresarial da medicina dentária portuguesa é composta essencialmente por microempresas”. No entanto, Gonçalo Assis afirma considerar o primeiro pacote de medidas “francamente insuficiente”, originando a que fosse “recebido com bastante criticismo por quase todos”, tendo em conta que assentava em linhas de crédito intermediadas pelos bancos. “Muitos dos colegas não estão em condições de se endividarem, ainda para mais num clima de incerteza”. Para o médico dentista, o segundo pacote de medidas “já foi mais ambicioso” e o facto de contemplar, inclusive, uma moratória dos créditos, “aliviará parte do encargo das empresas”. Ainda assim, afirma que “o desenho dos apoios tal e qual como está”, vai dificultar a situação da maior parte dos médicos dentistas.

“O regresso à normalidade dependerá da evolução epidemiológica. Paradoxalmente, quanto melhor for o nosso desempenho coletivo na contenção do contágio, mais vamos adiar o pico da curva”. Apesar disso, para Gonçalo, toda esta situação vai impactar a forma de trabalhar e de se relacionar com os seus colegas e doentes. Provavelmente, a telemedicina vai ser favorecida para realizar parte das consultas, os equipamentos de proteção individual utilizados serão mais caros e dispendiosos, o tempo das consultas terá que ser aumentado, de forma a otimizar os processos de assepsia e desinfeção e, cada vez mais, serão realizadas formações à distância.

“Existem custos operacionais das clínicas totalmente novos que tornarão incomportável a participação de intermediários como seguros de saúde e planos de saúde, se as tabelas atuais se mantiverem.” Gonçalo Assis salienta ainda a importância de estarmos particularmente atentos aos desafios que os empresários da área – bem como os mais jovens e precários – vão enfrentar para que possam ser apoiados, tendo em conta que estarão muito expostos às grandes dificuldades que decorrem desta crise. ■